

TRABALHO A DOMICÍLIO

*Elisabeth Juliska Rago**

ABREU, Alice Rangel de Paiva. *O avesso da moda — trabalho a domicílio na indústria de confecção*. São Paulo, Hucitec, 1986, 302 p.

A pesquisa de Alice Rangel de Paiva Abreu representa uma importante contribuição para o estudo do trabalho feminino no Brasil. Discutindo o trabalho a domicílio na indústria de confecção, no Rio de Janeiro (1980), a autora visa a compreender a realidade da situação da mulher enquanto costureira externa de fábrica e aquela que busca conciliar a esfera doméstica com o trabalho remunerado — sempre encarado como um trabalho “complementar”, ainda que represente, muitas vezes, a contribuição fundamental para a manutenção da família.

O livro está dividido em duas partes, sendo a primeira dedicada a situar historicamente o trabalho a domicílio. A autora projeta o foco de sua observação nos primórdios do capitalismo, mostrando que o trabalho industrial a domicílio se fez presente desde a primeira fase da Revolução Industrial, o que significa dizer que o modo de produção especificamente capitalista não destruiu as atividades produtivas não-capitalistas. Ao contrário, como observa Saffioti, no prefácio, “O entendimento de que as atividades especificamente capitalistas destroem todas as demais, organizadas em outras bases, além de não encontrar respaldo na História, gera discursos e estratégias políticas contraditórias”. A fábrica, afirma Abreu, recuperando Marx, convive, nos primeiros trinta anos da Revolução Industrial, com uma multiplicidade de “formas transitórias” de processos de trabalho tradicionais. Mesmo dentro de um contexto de inovações tecnológicas, atividades tais como a produção de vestuário, móveis ou calçados, além de outras, ainda continuavam a utilizar os mesmos métodos ditados pela tradição. Na indústria

* Professora do Departamento de Administração — FEA-PUC-SP.

têxtil, mais especificamente, a transformação do processo de produção em moldes capitalistas foi muito mais lento que os verificados em outros setores produtivos durante a primeira fase da Revolução Industrial. Nesse sentido, a autora recupera a contribuição de Hobsbawm para essa discussão, enfatizando que, se por um lado o processo de industrialização “edificou fábricas de móveis e roupas, (...) também fez com que marceneiros hábeis e organizados se transformassem em trabalhadores sub-remunerados, e gerou aqueles exércitos de costureiras e camiseiras famintas e tuberculosas que comoviam a opinião da classe média naquela época extremamente insensível”. É assim que Abreu demonstra a subsunção dos trabalhadores à lógica do capital, o que equivale a dizer que, além do processo de desqualificação a que estavam submetidos os trabalhadores de ambos os sexos, eles foram condenados à expropriação do saber operário e, como enfatiza Saffioti, “a demolição dos saberes femininos por parte do capitalismo revela-se mais grave, na medida em que afeta o cotidiano de todos os membros da família. Lembre-se, a título de ilustração, a destruição do saber feminino no campo da Medicina”. Como salienta Abreu, refletindo sobre a dominação sexual do trabalho, no caso da costura, o capital teria se apropriado de uma “habilidade” feminina para transformá-la em valor-de-troca.

A linha teórica da autora nos remete a E. P. Thompson e é aí que ela irá situar sua argumentação no sentido de afirmar que a instauração do capitalismo, como sistema dominante, não destruiu as atividades pertencentes ao momento precedente; as características do trabalho artesanal sofreram readequações nos diferentes momentos históricos mas não foram eliminados na consolidação do capitalismo. Pelo contrário, houve um crescimento do número de trabalhadores externos entre os anos de 1780 e 1830, conforme Thompson, que complementava o trabalho das fábricas, em condições cada vez mais precárias. Entretanto, o final do século XIX assinala uma mudança de ordem estrutural significativa, representada pela “preponderância feminina entre os trabalhadores a domicílio”. É interessante notar — e a autora chama para esse fato — que a participação da mulher no processo produtivo, buscando seu próprio sustento, é muito anterior à Revolução Industrial, trabalho esse geralmente executado no interior do grupo familiar. O que dará visibilidade à atividade produtiva das mulheres será sua inserção nas fábricas como trabalhadoras assalariadas.

Segundo a autora, é na literatura italiana que se encontra o tratamento teórico do problema do trabalho a domicílio no capitalismo moderno. A experiência italiana mostra que à parte a maximização dos lucros, outros fatores deveriam ser levados em consideração na análise dessa questão. Isto significa dizer que o trabalho industrial a domi-

cflio, em sua articulação com o trabalho fabril, não expressa uma uniformidade. Ao contrário, “pode estar diretamente dependente das grandes empresas monopolistas, quando essas detêm o controle absoluto do mercado e subcontratam os serviços das pequenas empresas e dos trabalhadores a domicílio. No entanto, como argumenta Brusco, o caso mais usual implica provavelmente uma articulação mais complexa, onde coexistem grandes e pequenas empresas, intermediários e trabalhadores a domicílio, e onde tanto as grandes como as pequenas empresas têm acesso ao mercado e produzem o produto final”.

Outro aspecto importante no debate de idéias diz respeito ao caso dos países latino-americanos. Segundo ela, há uma lacuna no que se refere ao trabalho industrial a domicílio, ainda que vários autores discutam a questão do emprego, marginalidade, setor formal e informal, trabalhadores autônomos. Entretanto, esses esforços não teriam uma relação direta com o problema do trabalho feminino e “tendo como preocupação central explicar as características diferenciais desses setores em relação ao trabalhador assalariado típico do setor capitalista propriamente dito, ainda que cada vez mais enfatizem a inter-relação entre ambos”.

Partindo de alguns estudos sobre o desenvolvimento da indústria do vestuário na França e na Inglaterra, Alice Abreu aponta para algumas características importantes presentes nesse setor produtivo. Em primeiro lugar, o impacto das inovações tecnológicas sobre o setor tem-se mostrado bastante tímido; a estrutura industrial é altamente heterogênea, sendo influenciada pelo tipo de produto fabricado; e, em terceiro lugar, “a alta divisibilidade do processo de produção, tanto do ponto de vista global como referente à organização do trabalho propriamente dito, e têm uma influência superior na qualidade do produto final”.

No que concerne ao caso brasileiro, a heterogeneidade estrutural da indústria de confecção dificultaria a obtenção de dados sobre o emprego fora dos estabelecimentos fabris. Contudo, é possível perceber que o setor do vestuário absorve extensa parcela da força de trabalho. A partir da compreensão da especificidade da presença feminina no mercado de trabalho, a saber, a persistência da ideologia patriarcal, as responsabilidades domésticas, a presença de filhos, a própria compreensão das mulheres casadas de que a sua participação na renda familiar teria um caráter “complementar”, ainda que, na realidade, contribuam significativamente para o sustento da família, como demonstrou a pesquisa da autora, todos esses elementos cooperam para que as mulheres sejam muito receptivas a esse tipo de trabalho. Numa linha de pesquisa que busca a não-vitimização das mulheres, Abreu demonstra que, “O trabalho industrial a domicílio, encarado sob a ótica das próprias trabalhadoras, apresenta, portanto, alguns aspectos positivos que

explicam a grande disponibilidade de mão-de-obra para este tipo de trabalho”. Por outro lado, há que se destacar, a autora aponta para o aspecto da exploração capitalista desse tipo de atividade que, sendo “clandestina”, não está sujeita a uma legislação social, como é o caso das “internas” de fábrica.

A segunda parte do livro é dedicada à realização de entrevistas com mulheres empregadas na indústria de confecção — as costureiras internas, bem como costureiras externas, ou seja, as mulheres que trabalham no seu próprio domicílio, no Rio de Janeiro. Alice Abreu ocupou-se das oficinas de confecção de roupa feminina de alta qualidade, trazendo à luz a contraditoriedade de um trabalho realizado muitas vezes em condições extremamente precárias, na medida em que muitas das externas entrevistadas não dispõem de um local próprio dentro da casa para exercer sua atividade ou quando estendem a jornada por longas horas de trabalho, uma vez que necessitam conciliar as tarefas profissionais com as domésticas, como já mencionado acima. Por outro lado, mesmo sendo o trabalho a domicílio mal-remunerado e desprovido dos benefícios da legislação trabalhista e previdenciária, ele é aceito, pois é uma forma de obtenção de ganhos para aquelas com dificuldade de participar do mercado formal de trabalho. Por outro lado, essa abundância de oferta de mão-de-obra feminina é fator de dinamização da indústria de confecção. Esta depende da flexibilidade da produção, uma vez que seu produto é a moda. Neste sentido, a subcontratação é um recurso utilizado pelas empresas para manter a flexibilidade frente à mudança das estações e da moda, além de representar uma importante economia para as confecções nos custos fixos de produção de roupas. Acrescentaríamos que, no discurso neoliberal, o trabalho subcontratado aparece como sendo uma solução bastante razoável para o problema do desemprego. A pesquisa da autora pode recuperar uma dimensão extremamente importante que diz respeito à “docilidade” das costureiras externas com relação às empresas às quais se vinculam, e que se explica por ser uma atividade individualizada, o que dificulta a organização para obtenção de reivindicações: “Sozinha diante da confecção, a costureira externa encontra-se numa posição de extrema fraqueza e tem consciência disso. Sua única possibilidade de ação, que é utilizada em casos de crise, é abandonar o trabalho e procurar outra confecção”.

O estudo revela que as atividades antes realizadas por produtores independentes não foram destruídas e sim apropriadas pelo capital e reestruturadas de modo a integrar os trabalhadores na divisão do trabalho das empresas capitalistas. “O trabalho industrial a domicílio implica um entrelaçamento de duas formas de organização produtiva, a organização capitalista e a produção simples de mercadorias, transformando algumas

das características desta última”. Apontando para outras variáveis que dificultariam ou impediriam a produção independente das trabalhadoras, como por exemplo a dificuldade de acesso às consumidoras com alto poder aquisitivo, a autora ressalta que não restariam muitas opções às costureiras domiciliares senão tornarem-se assalariadas da indústria ou produzirem de forma subordinada ao capital através da subcontratação dos seus serviços.

Constatamos, portanto, que a indústria de confecção no Brasil não prescinde do trabalho a domicílio, o qual já estava presente nos primórdios do capitalismo e, ainda hoje, sobrevive como uma necessidade do sistema produtor de mercadorias.

Desta discussão aqui levada a efeito, é possível afirmar que, *O avesso da moda*, sendo um estudo de gênero voltado à condição feminina, traz-nos uma rica contribuição histórica do trabalho industrial a domicílio e do papel desempenhado pelas costureiras externas de fábrica no Rio de Janeiro.